



# RESUMO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

## Dimensões geoestratégicas da guerra civil na Líbia

POR TAREK MEGERISI

### DESTAQUES

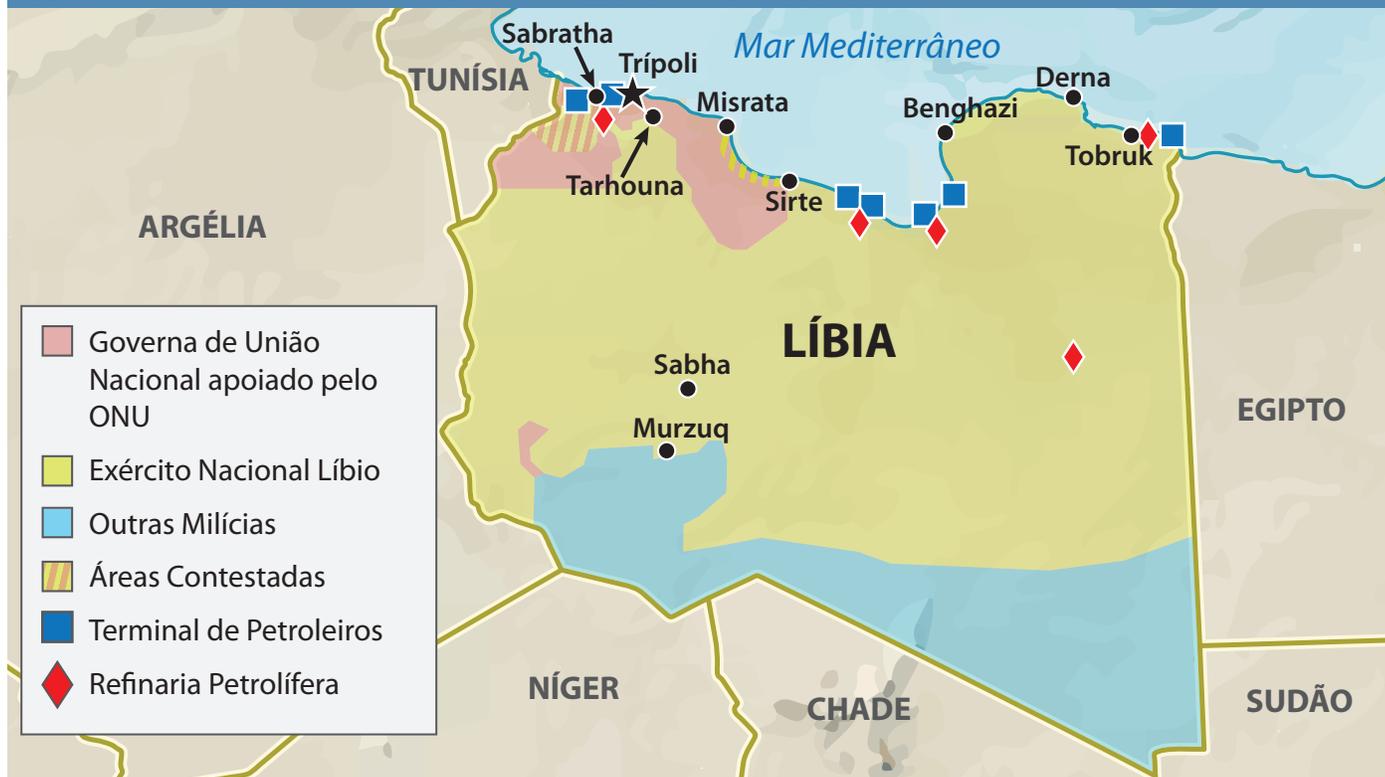
- O conflito na Líbia intensificou-se tendo-se tornado num combate geoestratégico cada vez mais perigoso para ganhar influência, num país rico em petróleo, lançando os EAU, o Egipto e a Rússia contra o Qatar, a maior parte da Europa e a Turquia abrangendo as regiões do Norte de África, da Europa Meridional, do Sahel e do Médio Oriente.
- O General Khalifa Haftar não dispõe de grande apoio interno e funciona, em vez disso, como um representante de interesses de protagonistas externos. Além disso, tem agido consistentemente como um obstáculo ao desagravamento e à estabilização da situação. Consequentemente, carece do estatuto para ser tratado politicamente em pé de igualdade com o governo apoiado pela ONU.
- Um acordo mediado pela ONU, apoiado pelos estados não alinhados, é o único meio viável para um desagravamento estável, que capaz de originar um resultado que não constitua uma ameaça para os intervenientes regionais e que, ao mesmo tempo, permita à Líbia recuperar a sua soberania.

O conflito na Líbia causou a morte de dezenas de milhares, gerou instabilidade no Norte de África e no Sahel e tem vindo a tornar-se, cada vez mais, o epicentro fulcral de uma competição geoestratégica. Desde abril de 2019, que a guerra civil na Líbia tem vindo a intensificar-se, particularmente na parte ocidental do país, onde o Exército Nacional Líbio (LNA) do General Khalifa Haftar estabeleceu o cerco a Trípoli na tentativa de expulsar o Governo de União Nacional (GNA) apoiado pelas Nações Unidas. A Missão de Apoio das Nações Unidas na Líbia (UNSMIL) estima que cerca de 231.000 civis encontram-se em áreas na proximidade da linha da frente e, adicionalmente, cerca de 380.000 a viver em áreas afetadas pelo conflito. Estima-se que mais de 370.000 pessoas permaneçam deslocadas dentro do país devido à violência e que centenas de civis tenham sido mortos desde o ataque de Haftar em abril de 2019<sup>1</sup>.

De acordo com a UNSMIL, o LNA e as forças aliadas realizaram, pelo menos, 850 ataques aéreos de precisão com drones e outros 170 foram realizados por caças-bombardeiros entre abril de 2019 e janeiro de 2020<sup>2</sup>. Destes, cerca de 60 ataques aéreos de precisão foram alegadamente realizados por aviões-caça egípcios e dos Emirados. Entretanto, o GNA e as forças que lhe estão associadas realizaram cerca de 250 ataques aéreos.

O impacto económico do conflito associado à pandemia do COVID-19 pode causar uma contração superior a 12 por cento do PIB do país em 2020. O bloqueio dos terminais petrolíferos pelo LNA, desde janeiro de 2020, agravou ainda mais a crise económica. A produção de petróleo caiu dos 1,14 milhões para cerca de 120.000 barris por dia em dezembro de 2019. Isto teve como resultado perdas financeiras na ordem dos \$2 mil milhões por mês para a empresa estatal<sup>3</sup>.

FIGURA 1. ÁREAS DE CONTROLO NA GUERRA CIVIL NA LÍBIA



Nota: As áreas de controlo são meramente ilustrativas e não devem ser interpretadas como um traçado preciso o constante.

Embora os Emirados Árabes Unidos, (EAU), o Qatar e o Egipto tenham vindo a apoiar a oposição no conflito líbio, desde a sua fase inicial, os riscos geoestratégicos aumentaram em setembro de 2019 com a mobilização de mercenários russos para apoio às forças de Haftar. Isto precipitou a intervenção de forças terrestres turcas para apoiar o GNA. Além disso, intervenientes externos mobilizaram sistemas de defesa superfície-ar, drones e mercenários sírios, chadianos e sudaneses e outros meios de alta tecnologia numa tentativa de alterar o equilíbrio de forças a favor dos seus representados.

O declínio pós-revolucionário da Líbia no sentido da sua fragmentação e do colapso do estado constitui uma causa crescente de alarme. O conflito tem vindo a tornar-se cada vez mais internacionalizado, com o número crescente de coligações de intervenientes externos com as duas principais facções líbias. Isto agravou a sua complexidade, tomando proporções muito diferentes daquelas com que tudo começou. A internacionalização do conflito constitui um pesadelo geoestratégico para os esforços da ONU no sentido da estabilização e aumentou o nível de risco da guerra civil na Líbia, representando uma ameaça ainda maior para a segurança internacional<sup>4</sup>.

### TRAÇAR AS LINHAS DE BATALHA

A internacionalização da transição da Líbia começou com o que já era em si mesmo uma revolução muito internacionalizada. A intervenção em 2011 da Organização do Tratado do Atlântico Norte, que ocorreu sobretudo a partir do ar, recebeu grande parte da atenção durante o período da Líbia na Primavera Árabe. Menos reconhecidas, porém, foram as intervenções rivais do Qatar e dos EAU para equipar, treinar e auxiliar, por outras vias, as milícias revolucionárias líbias no terreno, o que definiu o cenário para um combate que viria a definir o rescaldo revolucionário na Líbia.

Os dois estados do Golfo mobilizaram a sua assistência através de parceiros com quem já tinham anteriormente

---

**Tarek Megerisi é um investigador político do programa para o Norte de África e Médio Oriente no Conselho Europeu para as Relações Externas, especializado em política, governação e desenvolvimento no mundo árabe. Trabalhou extensamente, na transição da Líbia desde 2012, com organizações líbias e internacionais.**

relações e que se tornaram representantes dos seus interesses divergentes. Aqueles que se encontravam do lado do Qatar incluíam protagonistas líbios que se opunham ideologicamente a Muammar el Qaddafi como um tirano, os que tinham sido frequentemente presos ou perseguidos por ele e os que definiram a sua oposição na ideologia islâmica. Os EAU mantiveram ligações com a classe tecnocrática que tinha trabalhado frequentemente com o filho de Qaddafi numa tentativa falhada de reforma e com gerações mais velhas da oposição.

Durante a guerra revolucionária, estes dois campos distintos eram frequentemente demarcados por contactos pessoais com um determinado líder da milícia, funcionando como um intermediário da geração mais velha, ou pelos laços com uma área geográfica. À medida que a guerra foi progredindo, as suas operações militares, negociações diplomáticas e as maquinações dos seus representantes políticos, que pretendiam obter o controlo exclusivo sobre os mecanismos do poder na Líbia, lançaram os dois campos um contra o outro. A fratura intensificou as rivalidades e, apesar do fim da guerra e com a realização em julho de 2012 das primeiras eleições, em mais de meio século, para a eleição do parlamento, o Congresso Geral Nacional (GNC). Este tornar-se-ia o primeiro teatro deste novo conflito agora mais político.

A duas coligações continuaram a confrontar-se em vez de chegarem a um compromisso de soma zero na busca da riqueza e autoridade incentivada pelos seus apoiantes. A Aliança das Forças Nacionais (NFA), uma coligação política com laços estreitos com os EAU, obteve a maioria e conseguiu eleger 64 lugares do GNC (incluindo membros do parlamento nominalmente alinhados). O Partido da Justiça e Construção (JCP), um partido político alinhado com a Irmandade Muçulmana, obteve 34 lugares. O uso pouco perspicaz de milícias, pelos intervenientes políticos nacionais, para alcançar os seus objectivos políticos internos institucionalizou a violência como uma arma política. No entanto, a competição pelas relações comerciais com parceiros internacionais, muitas vezes corruptas, destruiu a integridade e a legitimidade do GNC enquanto instituição. Quando o NFA, atormentado por divergências internas e constantemente ultrapassado, deixou de conseguir manter a sua maioria inicial, a coligação boicotou o GNC, minando gravemente a sua eficácia.

Embora o ONU tivesse esperança de que uma nova ronda de eleições pudesse reiniciar a transição política que se tinha perdido para a cobiça e imaturidade da classe política da Líbia, o dano já estava feito. As facções nacionais e estrangeiras da Líbia tinham-se endurecido, o uso da violência tinha-se normalizado e a mentalidade de soma zero cristalizou-se.

## A RELEVÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LÍBIA

Se para o Médio Oriente e o Norte de África a Primavera Árabe tinha sido uma era de fluxo regional, para os estados do Golfo com uma situação mais estável e consideráveis recursos, foi um momento de oportunidade. À medida que os antigos pilares da região foram desabando, primeiro o Iraque, seguido da Síria e depois o Egipto, havia a sensação que tinha chegado o momento de uma nova ordem regional. A opinião do Qatar, talvez devido à sua própria história de golpes palacianos, de que as revoluções originavam novas ordens e novas elites, fez com que apoiasse assim plenamente os protagonistas revolucionários na esperança de que tal criasse uma rede regional de estados amistosos se não mesmo favoráveis. O seu próprio papel no acolhimento de dissidentes islâmicos exilados da região e o facto de a maioria dos movimentos de oposição, há muito estabelecidos na região, serem eles mesmos islâmicos, revelou que os seus esforços regionais tinham uma conotação marcadamente islâmica.

Se a abordagem do Qatar teve por base o oportunismo e a perspectiva de um soft power, já a dos EAU foi forjada no medo e na realpolitik. As duras medidas repressivas sobre os ativistas e sobre aqueles que faziam propostas de reforma, por mais modestas que fossem, mostrou um medo subjacente no Abu Dhabi de que o contágio da Primavera Árabe pudesse atravessar as fronteiras dos Emiratos. A sua estratégia regional mostra, desde então, uma preferência dos Emiratos pela evolução em vez de revolução com um foco na proteção de interesses chave. Esta preferência pela reprodução da antiga ordem com novos líderes é manifesta no apoio dos EAU ao General Abdul Fattah el Sisi no Egipto, que é a jóia desta política. As atividades dos Emiratos no Iémen demonstram o ângulo económico desta política, que assenta numa estratégia de diversificação do petróleo para se tornar o líder regional em termos de transportes marítimos e de logística, ao mesmo tempo que mantém uma presença dominante na rede de portos que ligam o Extremo Oriente ao Atlântico.

A localização estratégica da Líbia, no coração do Mediterrâneo, o Magreb, e como porta para a África Subsaariana, bem como as suas significativas reservas de petróleo e gás e a sua sublevação revolucionária, indicou que se enquadrava exatamente na intersecção das políticas ideológicas e económicas dos Emiratos<sup>5</sup>. À medida que os restos do estado se foram desfazendo e a Líbia se desestabilizou, foi atraindo outros que como o Egipto e a França viram uma oportunidade para o estabelecimento de um estado amistoso que poderia ser útil para os seus próprios interesses económicos, de segurança regional<sup>6</sup>. Esta dinâmica continuou à medida que o declínio da Líbia persistia e piorava.

## O PROJECTO DE HAFTAR

A queda do GNC foi um ponto de viragem na transição da Líbia, melhor simbolizado pelo ressurgimento do General Khalifa Haftar da era Qaddafi que não tinha conseguido impor-se após a destituição de Qaddafi. Em 2011, foi rapidamente posto de lado e ostracizado. Muitos líbios não estavam dispostos a trabalhar com ele, considerando-o responsável por atrocidades cometidas durante a guerra com o Chade dos anos 80. Outros viam-no como uma força de divisão dado que já tinham um comandante, Abdul Fatah Younis. O ressurgimento de Haftar, através de um golpe pela televisão no dia de S. Valentim de 2014, foi então objeto de gargalhada. Porém, representou o início da política por outros meios na Líbia, assente no afastamento da ideia dos políticos que empregam milícias para um novo paradigma onde as milícias empregam políticos para lhes darem uma cobertura de legitimidade.

Embora Haftar tenha frequentemente gerido ressentimentos locais a seu favor, como a ascensão do jihadismo na parte oriental da Líbia ou um bloqueio petrolífero de grande duração por milícias rebeldes, a sua tentativa de cultivar a sua posição e atrair apoiantes nunca foi um empreendimento inteiramente líbio ou autónomo. A reapresentação de Haftar à Líbia usou o Cairo como ponto de passagem, onde a sua visão de emular a ditadura quase-militar de Qaddafi obteve eco junto de uma ressuscitada instituição militar egípcia encorajada pela instalação no poder de Sisi no seguimento da transição democrática abortada no Egipto.

Embora a tentativa de golpe de Haftar não tenha chamado a atenção em Trípoli, este descobriu rapidamente uma nova

raison d'être, no decurso de 2014, com o lançamento de uma guerra de terror no leste da Líbia<sup>7</sup>. Isto permitiu-lhe permanecer próximo do Egipto, que lhe fornecia forças militares para a criação de uma instituição de segurança híbrida que juntava agentes dos serviços de informação do antigo regime e oficiais militares com milícias tribais e outras forças de apoio como os Salafistas. Este movimento que passou a representar um lado da crescente divisão nacional com alguns políticos apoiantes e recentemente eleitos para o novo parlamento, a Câmara dos Representantes, conferiu a Haftar e às suas forças os poderes para agirem na qualidade de forças armadas nacionais da Líbia. Estes mesmos políticos tinham unilateralmente deslocado este novo órgão legislativo para Tobruk, no leste da Líbia, numa tentativa de evitar aos seus oponentes e de dominar o parlamento, bipartindo efetivamente a governação do país.

### *Afastando-se dos políticos que empregam milícias para um paradigma em que as milícias empregam políticos*

Embora a ONU tenha tentado criar uma nova instituição de partilha de poder, o Governo de União Nacional (GNA), os apoiantes de Haftar perderam interesse em alcançar um compromisso político em 2015. Sob a capa da narrativa da guerra ao terror, os EAU construíram uma base aérea perto do quartel-general de Haftar no leste da Líbia enquanto os franceses mobilizavam forças especiais e ofereciam outra assistência especializada. Numa altura em que a França estava a aumentar a sua atividade contraterrorista no sul da Líbia no Sahel, a narrativa do contraterrorismo de Haftar e o apoio dos Emiratos (com quem a França já tinha uma parceria de segurança próxima) tornaram-no num aliado natural. Além disso, Haftar e o seu movimento alargado eram considerados um veículo útil para a expansão da influência francesa na Líbia, que era há muito dominada por Itália, e uma componente chave de uma arquitetura de segurança mais vasta que os franceses estavam a criar no Sahel.

Com o seu apoio externo posicionado, Haftar recusou apoiar o Acordo Político Líbio, que visava reunificar o país, e acabou por declarar o acordo nulo em 2017<sup>8</sup>. O próprio Haftar passou grande parte deste tempo recusando-se a reunir com quaisquer missões da ONU ou diplomáticas que não viessem oferecer-lhe apoio, enquanto ia criando a sua base de apoio no leste da Líbia<sup>9</sup>. À medida que a guerra ao terror ia acabando gradualmente, os seus

apoiantes estrangeiros forneciam-lhe a tecnologia, os meios financeiros, o poder aéreo e os recursos humanos necessários para alargar ainda mais a sua rede para tomar posse dos terminais de exportação de petróleo da Líbia e para conquistar o que faltava do leste do Líbia. Entretanto iam assegurando que não houvesse críticas a nível internacional, devido à crescente narrativa dos crimes cometidos pelas forças do LNA incluindo o cerco da cidade de Derna, as mortes ao estilo de execução dos combatentes capturados do Conselho Shura dos Revolucionários de Benghazi e pelo menos 7 outros incidentes envolvendo as ordens de um comandante do LNA para matar 33 prisioneiros numa zona perto de Benghazi<sup>10</sup>.

## SARRAJ O SACRIFICADO

As conversações na ONU que estiveram na origem do GNA em dezembro de 2015 iniciaram-se como um processo firmemente apoiado por um grande número de países, incluindo os Estados Unidos, o Reino Unido e a Itália na esperança de que o mesmo poderia por termo à guerra civil na Líbia e criar um parceiro credível para o combate ao terrorismo e à migração.

Porém, à medida que as conversações se foram arrastando, a crise piorou, com centenas de milhares a atravessar o Mediterrâneo e tendo o Estado Islâmico tomado a cidade de Sirte um ano antes, tornando estas necessidades mais prementes. O Acordo Político Líbio que resultou das conversações da ONU tinha pouca legitimidade local e apresentava uma capacidade estrutural diminuta para fazer aplicar muitas das suas disposições, tais como as destinadas a proteger capital. Além disso, o novo Primeiro-Ministro, Fayeze al Sarraj, um político relativamente desconhecido e sem um grupo de apoio claro, foi escolhido em virtude de ser a pessoa menos controversa e consequentemente a mais consensual que foi encontrada.

Sarraj e o seu governo fraco chegaram a Trípoli, em março de 2016, num navio da marinha italiana. O GNA fez um grande esforço para funcionar numa cidade controlada por milícias que confortavelmente mantinham o GNA como refém como um meio de sangrar o banco central do país. Incapaz de contribuir imediatamente para os esforços de combate ao terror e à migração, muitos dos protagonistas internacionais que tinham apoiado a ONU e o GNA rapidamente o abandonaram trocando-o por políticas mais

## FIGURA 2. DESENVOLVIMENTOS GEOSTRATÉGICOS DA GUERRA CIVIL NA LÍBIA

- **Fevereiro-outubro de 2011** Revolução Líbia — O Qatar e os EAU apoiam facções opostas das forças revolucionárias.
- **7 de julho de 2012** Realização de eleições para lugares no parlamento líbio, o Congresso Nacional Geral (GNC).
- **14 de fevereiro de 2014** Khalifa Haftar anuncia que suspendeu o GNC sem efeitos imediatos.
- **25 de junho de 2014** Realização de eleições para um novo órgão legislativo, a Câmara dos Representantes (HoR).
- **6 de novembro de 2014** A Câmara Constitucional do Supremo Tribunal da Líbia declara inconstitucionais as eleições para a HoR.
- **17 de dezembro de 2015** Os membros do GNC e da HoR assinam o Acordo Político Líbio em Skhirat, Marrocos. O acordo estabelece o Governo de União Nacional (GNA) com Fayeze al Sarraj como Primeiro-Ministro.
- **30 de março de 2016** O Primeiro-Ministro Sarraj chega a Trípoli para liderar o GNA.
- **17 de dezembro de 2017** Haftar declara o Acordo Político Líbio nulo.
- **29 de maio de 2018** A Conferência de Paz de Paris junta Haftar e Sarraj e conclui com um percurso tímido para novas eleições. As eleições nunca chegaram a realizar-se.
- **27 de março de 2019** O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman e os representantes dos Emiratos reuniram alegadamente com Haftar, em Riade, e decidiram lançar uma ofensiva militar para tomar Trípoli.
- **4 de abril de 2019** O LNA de Haftar faz o cerco de Trípoli e assume o controlo das cidades costeiras a oeste de Trípoli.
- **Setembro-dezembro de 2019** Centenas de mercenários russos contratados pelo Wagner Group chegam à Líbia para apoiar o LNA.
- **28 de novembro de 2019** O GNA e a Turquia assinam um acordo marítimo e de segurança, garantindo o apoio militar turco ao GNA.
- **12 de janeiro de 2020** Os líderes do LNA e do GNA reúnem em Moscovo para discutir o conflito.
- **19 de janeiro de 2020** A Chanceler alemã Angela Merkel realiza a Conferência Internacional de Berlim sobre a Líbia assinalando o envolvimento crescente da União Europeia (UE) no sentido de pôr termo ao conflito.
- **Final de janeiro de 2020** O LNA reafirma o controlo sobre os portos ocidentais estabelecendo um bloqueio dos terminais petrolíferos.
- **31 de março de 2020** A UE lança a Operação Naval IRINI para fazer cumprir o embargo de armas da ONU, em vigor desde 2011.
- **14 de abril de 2020** As forças do GNA com apoio aéreo turco recuperam diversas cidades costeiras ocidentais, incluindo Sabratha e Surman, alargando o controlo do GNA para oeste desde Trípoli até à fronteira com a Tunísia.
- **27 de abril de 2020** Enquanto as forças do LNA sofrem derrotas no Ocidente da Líbia, Haftar reclama um "mandato popular" para governar a Líbia, ignorando o governo civil baseado no leste da Líbia.

expedientes. Estas políticas giravam frequentemente em torno de intervenientes que não representavam qualquer estado e minavam cada vez mais o GNA, reduzindo-o ao estatuto de contribuinte em vez de ator influente.

A falta de poder político do GNA manifestou-se claramente quando o Presidente francês Emmanuel Macron organizou uma conferência entre Haftar e Sarraj em 2018<sup>11</sup>. Apelidada de conferência da paz, apesar das duas partes nunca terem estado efetivamente em guerra, uma com a outra, criou uma falsa equivalência entre o líder civil do país e o comandante de um dos múltiplos grupos armados do país. Também estabeleceu uma dinâmica que moldou o processo político da Líbia ao longo dos próximos anos, com Sarraj a ser forçado a negociar acordos com Haftar que continuou a expandir a sua presença e poder militar. Entretanto, mesmo os aliados mais fiéis do GNA, como a Itália, que tinha considerado Sarraj fundamental para a preservação da sua influência no país, começaram a perder a confiança.

O Representante Especial da ONU Ghassan Salamé tentou quebrar este molde durante 2018-2019 para criar um novo processo político inclusivo que levaria a um novo governo civil e a instituições de segurança nacional mais representativas da diversidade dos protagonistas políticos e militares da Líbia. No seguimento do acordo de partilha de poder entre Haftar e Sarraj no Abu Dhabi, no final de fevereiro de 2019, o novo plano da ONU parecia oferecer alguma esperança. Porém, o plano continuou a ser fortemente contestado havendo muitos na Líbia que se recusavam a apoiá-lo, o que corroe a credibilidade internacional e da ONU no país. A 27 de março de 2019, numa reunião anunciada entre o Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman, Haftar e representantes dos Emiratos, foi tomada a decisão de que Haftar tentaria assumir o poder através do lançamento de um ataque surpresa sobre Trípoli, ao mesmo tempo que o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, se encontrava na cidade a tentar salvar o processo político apoiado pela ONU.

## TRÍPOLI OU FIASCO

O plano de Haftar de lançar um ataque relâmpago a Trípoli e assumir o poder, em abril de 2019, falhou. Rapidamente se deparou com uma guerra de desgaste confrontado pela maior mobilização de combatentes que se assistiu na Líbia desde a revolução de 2011 contra Qaddafi<sup>12</sup>.

Lutou simultaneamente por manter as longas linhas de abastecimento através do território que controlava apenas aparentemente. Porém, a decisão de tomar Trípoli deixou Haftar e os seus apoiantes com poucas alternativas que não fossem persistir ou arriscar a perder tudo. O carácter irreversível da situação, em que Haftar ou ganhava e instituía uma nova ditadura ou perdia e teria início um novo capítulo de transição na Líbia, mobilizou os líbios, bem como, outros protagonistas internacionais, nomeadamente a Rússia e a Turquia.

### *Criou uma falsa equivalência entre o líder civil do país e o comandante de um dos múltiplos grupos armados do país.*

A Rússia há muito que usava o conflito em lume brando da Líbia para promover a suas relações com o Egipto e os EAU, enquanto, simultaneamente, alargava a sua influência sobre a fronteira da Europa Meridional e o seu acesso aos recursos naturais da Líbia. Percebendo o vácuo internacional e uma oportunidade para alavancar a sua influência num país rico em petróleo no sul do Mediterrâneo, a Rússia fez uso da mesma estratégia que já tinha utilizado para a Síria, para sustentar um líder autoritário fraco e isolado num conflito que a maioria dos atores globais queria evitar<sup>13</sup>. Em setembro de 2019, a Rússia começou a mobilizar um número estimado entre 800 e 1200 mercenários através do Wagner Group liderado por Yevgeny Prigozhin, o mesmo modelo que a Rússia tinha adotado para os conflitos na Ucrânia, República Centro-Africana, Moçambique e Mali. A mobilização russa desequilibrava o conflito a favor de Haftar<sup>14</sup>. A desestabilização e o conflito na Líbia criaram oportunidades para ações destrutivas, fazendo aumentar a influência russa na região, permitindo que a Rússia tivesse um papel a desempenhar em qualquer acordo.

A Turquia há muito que mantém um interesse na Líbia como parceiro económico onde detém mais de \$20 mil milhões em contratos congelados que, se fossem retomados, poderiam impulsionar a sua economia que, de outra forma, se continuará a agravar. Além disso, o sucesso do projeto de Haftar cimentaria a influência dos Emiratos e do Egipto no Norte de África e constituiria um grande obstáculo às expectativas turcas para região.

O ataque de Haftar a Trípoli forçou a Turquia a opor-se ou a aquiescer ao jogo dos EAU/Egipto/Rússia para reivindicar

a Líbia. Também deu à Turquia uma oportunidade para promover os seus interesses no Mediterrâneo oriental. Na sequência da descoberta, em fevereiro de 2018, de reservas significativas de gás no Mediterrâneo oriental, uma coligação entre a Grécia, Chipre, Israel e o Egito começou a construir uma infraestrutura de segurança e económica, que a Turquia viu como uma ameaça direta aos seus interesses económicos e ao seu papel dominante na segurança na região<sup>15</sup>. O desespero do GNA da Líbia e a apatia do Ocidente para parar Haftar deram à Turquia a força de que necessitava. No final de novembro de 2019, um GNA sitiado assinou prontamente um acordo que delineava as fronteiras marítimas entre a Líbia e a Turquia e criava uma zona económica exclusiva que abrangia os principais campos de gás em troca do apoio militar turco. Com a mobilização das tropas turcas e o apoio aéreo em campo, o GNA conseguiu recuperar diversas cidades estratégicas na parte ocidental da Líbia em abril de 2020. Subsequentemente, as forças de Haftar foram forçadas a retirar para bases na retaguarda em redor de Trípoli como a cidade de Tarhouna.

*Se os estados não alinhados não puderem proteger e apoiar a ONU no lançamento de um processo político genuíno, os protagonistas externos envolvidos na guerra civil na Líbia continuarão a avançar.*

O súbito e rápido crescimento do envolvimento turco e russo desde o final de 2019 foi recebido de bom grado pelos protagonistas líbios que estão desesperados para não perder. As proezas militares de ambos os países levaram a que rapidamente se tornassem os atores principais no terreno colidindo com os interesses europeus e excluindo, possivelmente, o Ocidente de qualquer acordo de paz.

As tréguas temporárias declaradas em 12 de janeiro de 2020, durante uma reunião em Moscovo, realçaram estes receios. O rápido anúncio da conferência de Berlim, marcada para 19 de janeiro, no seguimento de reuniões de alto-nível, foi a tentativa da Europa para se manter relevante. No final de março de 2020, a Europa lançou uma renovada operação naval, IRINI (“Paz” em grego), para fazer cumprir o embargo de armas decretado pela ONU e em vigor desde 2011. A formalização da Operação IRINI, porém, expôs as divisões existentes na União Europeia (UE), com a Grécia a

fazer pressão para a missão se focar na suspensão das rotas de reabastecimento naval da Turquia presumivelmente com o objetivo mais amplo de neutralizar o acordo marítimo e de segurança turco-líbio. Além disso, fazer cumprir o embargo marítimo de armas sem um bloqueio simultâneo das armas vindas dos EAU por terra ajudaria, com efeito, Haftar. Este cálculo foi, sem dúvida, tido em consideração aquando da decisão da Turquia de assumir o controlo da situação. Resta ver se a UE, através de países como a Alemanha, será capaz de utilizar a Operação IRINI para facilitar a responsabilização de todos os violadores do embargo, ou se as divisões europeias farão com que a operação acabe por se tornar ineficaz.

### ESCALADA ESPERADA NA FRENTE ORIENTAL

A guerra na Líbia tem tudo para ter um agravamento dramático. Dadas as desvantagens de Haftar na parte ocidental da Líbia e o considerável apoio turco ali, não é provável que Haftar obtenha outros ganhos e já está cada vez mais a apoiar-se na artilharia só para manter a sua posição. À medida que a situação vai piorando para ele na parte ocidental da Líbia, é provável que se volte a focar no que resta da sua capacidade ofensiva na verdadeira frente oriental entre as cidades de Misrata e Sirte. Porém, mais a leste, onde os Turcos não têm defesa aérea, é provável que ele se mantenha imbatível e que amortença confortavelmente os ataques do GNA, que se encontra desesperado para recuperar os terminais petrolíferos do país.

À medida que a guerra se vai arrastando, a Europa está cada vez mais ansiosa quanto às potenciais consequências destabilizadoras de um conflito internacionalizado mesmo à sua porta, que tem o potencial para desencadear uma nova vaga de refugiados<sup>16</sup>. Contudo, o papel ativo da França restringe os instrumentos multilaterais, a UE e a ONU, que os europeus preferem usar. Entretanto, os Estados Unidos, com os quais a Europa está habituada a depender para qualquer projeção de força, não parecem dispostos a envolver-se noutra conflito rebelde, muito menos num conflito em que aliados como os EAU e a Turquia estão em lados opostos.

É quase inevitável que os EAU procurem recuperar a vantagem através de mais mobilizações de mercenários e de carregamentos de armas. Mais decisivas serão as suas tentativas de recuperar a superioridade aérea

**QUADRO 1. FORÇAS EXTERNAS NA GUERRA CIVIL DA LÍBIA**

		Agenda Política	Mobilização de Forças	O que está em causa
Apoiantes do General Khalifa Haftar e do LNAet l'ANL	Émirats arabes unis	Expandir a influência regional; Apoiar um governo autocrático; Líbia como estado cliente	Equipamento e treino para as milícias; Apoio aéreo e com drones para o LNA	Influência política sobre a ordem regional do MENA; Ganhos económicos; Domínio das redes comerciais; Diversificação petrolífera
	Égypte	Promover o modelo Sisi através de Haftar; Líbia como estado cliente; Obter acesso aos recursos naturais	Armas, abastecimentos, informação e apoio financeiros através do leste da Líbia para o LNA	Sécurisation des frontières de l'ouest ; avantages économiques ; renforcement de son influence régionale
	Rússia	Obter influência regional; Apoiar um governo autocrático; Obter acesso aos recursos naturais	Segurança da fronteira ocidental; Ganhos económicos; Expansão da influência regional	Ganhos económicos; Acesso ao sul do Mediterrâneo; Melhoria da postura como grande potência
	France	Redefinir a relação com a Líbia	Assistência à segurança através do Egipto e dos EAU	Expansão da parceria económica; Contraterrorismo no Sahel; Política europeia
Apoiantes do Governo de União Nacional	Qatar	Expandir a influência regional; Apoiar a oposição islâmica	Equipamento e treino para as milícias revolucionárias	Influência política sobre a ordem regional do MENA
	Turquia	Proteger o Acordo Marítimo e de Segurança de 2019; Expandir a influência regional; Bloquear a expansão dos Emiratos e a influência russa; Manter os interesses económicos	Drones, apoio aéreo, forças terrestres; Equipamento, treino e outros recursos militares	Parcerias económicas; disputas de fronteiras marítimas; Acesso e influência no MENA
	Itália	Manter os laços políticos e económicos com a Líbia sob o GNA; Restringir a migração irregular e os fluxos de refugiados	Hospital de campanha em Misrata; Assistência em termos de informação e segurança	Estabilidade regional; Parcerias económicas; Política europeia
	União Europeia	Reafirmar o compromisso perante a Líbia soberana; Bloquear a expansão da Rússia no Mediterrâneo; Restringir a migração irregular e os fluxos de refugiados	Missão naval para fazer cumprir o embargo de armas através das rotas marítimas	Estabilidade regional; Unidade europeia; Agressão russa; Parcerias económicas
	Nações Unidas	Fazer cumprir o Acordo Político Líbio; Proteger a lei internacional; Garantir a estabilidade regional	UNSMIL; Embargo de armas	Ordem internacional; Soberania do Estado Membro

relativamente à Turquia, o que poderia envolver a importação de defesas aéreas israelitas no seguimento da incapacidade do sistema Pantsir russo para neutralizar eficazmente os drones da Turquia<sup>17</sup>. O aumento de perdas graves pode levar à introdução de aviões avançados dos Emiratos e egípcios. Isto seria uma escalada perigosa para a qual a Turquia parece já estar a preparar-se com exercícios militares envolvendo os seus próprios F-16 no Mediterrâneo.

Todos estes desenvolvimentos apontam para uma escalada de um conflito cada vez mais destrutivo. O afastamento de Haftar da parte ocidental da Líbia pode iniciar uma nova e talvez mais difícil campanha para expulsar o LNA dos campos de petróleo da Líbia no Sul e dos terminais petrolíferos ao longo da costa oriental. Mais preocupante para o futuro da Líbia seria se Haftar prosseguisse no sentido de agravar a divisão do país em resposta à sua fraqueza militar. Isto poderia ser alcançado tentando, mais uma vez, vender o petróleo ilicitamente se achasse que, desta vez, não haveria oposição internacional.

A menos que os estados não-alinhados possam proteger e apoiar a ONU no lançamento de um processo político genuíno, os protagonistas externos, envolvidos na guerra civil na Líbia, continuarão a escalada das suas tentativas de assumir o controlo deste país deserto que promete muito, mas que oferece pouco mais do que recursos desaproveitados e frustração para os seus supostos "supervisores".

### APOIAR A ONU E EVITAR UM CONFLITO PROLONGADO

No seu âmago, a guerra na Líbia tem sido movida pelas aspirações dos poderes regionais, no seguimento da sua apropriação indevida da transição Líbia. Estes protagonistas estão agora a lutar por transformar a região à sua própria imagem numa corrida perigosa para o abismo. A seguir encontram-se as áreas prioritárias de ação política para reverter esta tendência e evitar o prolongamento do conflito na Líbia.

**Reconhecer a ONU como o melhor mediador honesto.** A escalada do conflito levada a cabo por protagonistas

externos significa que estão em causa mais interesses e prestígio do que havia anteriormente. Dado o relativo baixo custo que cada um destes protagonistas incorre para apoiar os seus representantes, existem os meios e os incentivos para se continuar esta escalada. Ao reconhecer a ONU como sendo o melhor organismo para mediar o desagramento e o acordo negociado, todas as partes terão maiores garantias de que os seus interesses venham a ser considerados. Isto reduz a atual tendência negativa de que o “vencedor fica com tudo” que tem vindo a influenciar as percepções geoestratégicas deste conflito. É também a única opção em que os líbios terão oportunidade de reafirmar a sua soberania em vez de uma existência como estado vassalo de outros protagonistas regionais.

**Deixar de tratar Haftar como uma alternativa viável.** A impossibilidade de Haftar ganhar esta guerra e de ser capaz de governar a Líbia tornou-se penosamente clara com as ofensivas do GNA, em abril de 2020, lideradas pela Turquia. Mesmo antes disso, a dimensão da mobilização despoletada contra ele, a falta de um forte apoio interno, a ausência de legitimidade e a sua dependência de equipamento, aviões e mercenários estrangeiros indicam que a melhor das hipóteses para Haftar, seria uma guerra urbana prolongada que destruiria Trípoli e apenas o levaria a ter que enfrentar mais conflitos em cidades como Misrata.

Tendo deitado por terra os esforços desenvolvidos pela ONU e de seguida lançado um ataque à capital, após ter negociado um acordo de partilha de poder com Sarraj, em fevereiro de 2019, Haftar demonstrou ser um parceiro negocial que não é digno de confiança. Além disso, tornou perfeitamente claro, em múltiplas ocasiões, que a sua ambição é tornar-se no próximo líder autoritário da Líbia tendo violado todos os cessar-fogo que lhe foram oferecidos, incluindo os propostos na Conferência de Berlim de janeiro de 2020.

Neste contexto, Haftar parece constituir-se como um obstáculo decisivo para o desagramento e para a estabilização da Líbia. Embora Haftar seja frequentemente tratado como uma parte essencial da solução, na prática, a resolução do conflito seria bastante mais fácil se ele não fosse tratado como um dirigente equivalente ao GNA. Melhores perspetivas poderão ser alcançadas com o envolvimento daqueles que lhe estão subordinados de modo a fazer cumprir um cessar-fogo e a criar uma instituição de segurança conjunta.

**Apresentar uma política europeia unificada para o conflito na Líbia.** A falta de uma posição europeia unificada na Líbia permitiu que a Rússia obtivesse poder e expandisse a sua influência sobre flanco sul da Europa. Mais do que quaisquer diferenças europeias internas, isto coloca uma ameaça ainda mais grave para a Europa. A intensificação do envolvimento da Rússia na Líbia deveria ser, por conseguinte, um ponto de convergência para os membros da UE e da NATO.

Isto não carece do envolvimento dos apoiantes na guerra na Líbia, mas antes de uma posição política comum do Ocidente que faça cumprir o embargo de armas da ONU, defenda as normas internacionais, proteja a integridade da Empresa Petrolífera Nacional como a única vendedora legítima do petróleo líbio e considere o processo da ONU como a única opção possível. Isto iria inibir significativamente as operações da Rússia levadas a cabo através de grupos mercenários, transferências de armas e das tentativas de ajudar Haftar na venda ilícita de petróleo. Isto não só tornaria o envolvimento da Rússia mais oneroso para Moscovo, como bloquearia também, ainda mais, a expansão da Rússia e contrariaria as incursões que a Rússia já fez.

**Fazer cumprir as normas internacionais para impedir a escalada.** As violações do embargo de armas imposto pelo Conselho de Segurança da ONU à Líbia são o fio condutor do conflito que permite que os beligerantes líbios, especialmente Haftar, ignorem os pedidos de cessar-fogo com impunidade. O uso de recursos como a Operação IRINI da UE, bem como outra monitorização por satélite e aérea é uma forma expedita de recolher provas de todas as violações que pode ser usada para fazer cumprir o embargo de armas de uma forma imparcial. Se a tentativa de responsabilizar os estados infratores, como os EAU, for considerada politicamente sensível, ou se o Conselho de Segurança estiver demasiado dividido para agir, continua a haver outras opções. Uma mensagem clara pode também ser enviada através de sanções unilaterais às empresas privadas utilizadas pelos EAU e por outros responsáveis pelo envio de armas. Além disso, aqueles que dirigem empresas privadas fornecedoras de forças paramilitares, como o Wagner Group de Yevgeny Prigozhin, poderiam ser sancionados numa tentativa de criar um ambiente mais favorável à paz na Líbia.

Também pode ser desenvolvida uma campanha de pressão deste tipo junto dos beligerantes líbios que procuram minar o processo da ONU. Em 2014, sanções similares contra os dirigentes de parlamentos e governos rivais foram consideradas fundamentais para a facilitação das conversações que estiveram na origem do Acordo Político Líbio e do GNA. Os protagonistas líbios e os governos estrangeiros que estão a tentar minar o processo da ONU persistem em fazê-lo porque isso não lhes traz grandes custos. Promover o fim desta cultura de impunidade seria uma forma relativamente pacífica de alterar os comportamentos.

**Tornar o cessar-fogo nacional mais resiliente através de cessar-fogos locais.** A natureza descentralizada da sociedade líbia e as várias milícias que compreendem ambas as coligações rivais, significa que um cessar-

fogo nacional só pode tornar-se duradouro através do envolvimento das comunidades que estão efetivamente a combater. A concentração nos “cessar-fogo locais” entre as comunidades diretamente em conflito, tais como os Misrata e os Tarhouna, é um passo fundamental para a prevenção do ressurgimento do conflito e para recomeçar a estabelecer instituições de segurança verdadeiramente nacionais na Líbia. É vital desenvolver o trabalho a partir do nível local para os níveis superiores a fim de mitigar as inseguranças das comunidades que, de outra forma, criam abertura para um envolvimento estrangeiro perverso e para o estabelecimento de instituições resilientes que possam resistir melhor à influência estrangeira.

## NOTAS

- 1 “Libya Situation Report,” Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação dos Assuntos Humanitários, 29 de abril de 2020.
- 2 Conselho de Segurança das Nações Unidas, *United Nations Support Mission in Libya: report of the Secretary-General, S/2020/41* (15 de janeiro de 2020).
- 3 “Oil Blockade Continues to Ravage Economy,” Economist Intelligence Unit, 4 de março de 2020.
- 4 Tarek Megerisi, “Libya’s Global Civil War,” Policy Brief (Londres: Conselho Europeu para as Relações Externas, 2019).
- 5 Anouar Boukhars, “As frágeis fronteiras do Magrebe,” *Resumo de Segurança em África* N.º 34 (Washington, DC: Centro de Estudos Estratégicos de África, 2018).
- 6 Karim Mezran e Arturo Varvelli, eds., “Foreign Actors in Libya’s Crisis,” Conselho do Atlântico e Relatório ISPI (Milão: Instituto Italiano de Estudos Políticos Internacionais, 2017).
- 7 Mirco Keilberth e Fritz Schaap, “A Warlord Rebuilds Benghazi in His Own Image,” *Spiegel International*, 13 de setembro de 2019.
- 8 Acordo Político Líbio, conforme assinado em 17 de dezembro de 2015, em Skhirat, Marrocos, disponível no website da UNSMIL.
- 9 David D. Kirkpatrick, “A Police State with an Islamist Twist: Inside Hifter’s Libya,” *New York Times*, 14 de abril de 2020.
- 10 “Evidence points to war crimes by Libyan National Army forces,” Amnistia Internacional, 23 março de 2017. “UN says it is concerned about LNA siege of Derna,” *Libya Herald*, 6 de agosto de 2017. “Situation in Libya: ICC Pre-Trial Chamber I issues a warrant of arrest for Mahmoud Mustafa Busayf AL-WERFALLI for war crimes,” press release ICC-CPI-20170815-PR1328, Tribunal Criminal Internacional, 15 de agosto de 2017.
- 11 Claudia Gazzini, “Making the Best of France’s Libya Summit,” Briefing No. 58, Grupo de Crise Internacional, 28 de maio de 2018.
- 12 Wolfram Lacher, “Who is Fighting Whom in Tripoli? How the 2019 Civil War is Transforming Libya’s Military Landscape,” Briefing Paper (Genebra: Inquérito sobre Armas Ligeiras, 2019).
- 13 Joseph Siegle, “Recommended US Response to Russian Activities in Africa,” em “Russian Strategic Intentions,” Nicole Peterson, ed., *Strategic Multilayer Assessment (SMA) White Paper* (Boston: NSI, 2019).
- 14 Frederic Wehrey, “With the help of Russian fighters, Libya’s Haftar could take Tripoli,” *Foreign Policy*, 5 de dezembro de 2019.
- 15 Michael Tanchum, “A Dangerous policy of Turkish containment in the Eastern Mediterranean,” *Jerusalem Post*, 10 de julho de 2019.
- 16 Tarek Megerisi, “Why the ‘ignored war’ in Libya will come to haunt a blinkered west,” *Guardian*, 24 de março de 2020.
- 17 Anna Ahronheim, “Is an Israeli air defense system shooting down Israeli drones in Libya?” *Jerusalem Post*, 12 de abril de 2020.



## CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Kate Almquist Knopf, Diretora  
National Defense University  
Fort Lesley J. McNair  
Washington, DC 20319-5066  
+ 1 202 685-7300  
www.africacenter.org

Resumos de segurança em África  
Joseph Siegle, Ph.D.  
Diretor de Pesquisa  
sieglej@ndu.edu  
+1 202 685-6808  
ISSN 2164-4047

O Centro de Estudos Estratégicos de África é uma organização académica estabelecida pelo Departamento de Defesa que serve como um fórum objetivo para pesquisa, programas académicos e troca de ideias. As séries de Resumo de Segurança em África apresenta pesquisas e análises com o objetivo de promover a compreensão sobre as questões de segurança na África. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Centro.